

Identidade transnacional adaptativa e a venda do *soccer*: o New England Revolution e as populações imigrantes lusófonas**

Em 1996, um grupo de investidores americanos inaugurou a primeira época competitiva do Major League Soccer (MLS), uma liga de *soccer*¹ profissional da 1.^a Divisão de âmbito nacional. A formação da liga estava a ser planeada há vários anos e o seu estabelecimento era uma das condicionantes da FIFA para a atribuição do Campeonato do Mundo de 1994 aos Estados Unidos. Os donos estavam esperançados em criarem uma liga financeiramente viável que desenvolvesse os talentos locais e atraísse o interesse crescente e cada vez mais vasto por este jogo no país. A implantação do futebol nos Estados Unidos era também um dos objectivos da FIFA, dado o enorme potencial financeiro do mercado norte-americano, até então praticamente inexplorado.

Inicialmente, a liga era constituída por jogadores americanos (na sua maioria não suficientemente bons para jogarem na Europa ou noutros sítios)

** Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

** Além de fazer investigação de campo antropológica durante quinze anos nas comunidades lusófonas da Nova Inglaterra, onde cresci, trabalhei também como repórter credenciado na cobertura de aspectos culturais do *soccer* nos EUA e em Portugal, incluindo o MLS, jogos internacionais e o Campeonato do Mundo para o *Portuguese Times* (New Bedford, Massachusetts) durante 2001 e 2002. Consegui entrevistar técnicos do New England Revolution e os jogadores lusófonos da equipa, jogadores da Superliga portuguesa e jogadores internacionais de Cabo Verde sobre o tema da considerável base de adeptos lusófonos da região, entre outros assuntos. Estou em dívida com Frank Dell’Apa, o infatigável cronista de *soccer* do *Boston Globe*, pelos seus artigos informativos e pela informação de apoio que me deu (devido aos seus conhecimentos sobre o Revolution, o MLS e o *soccer* em geral) — que foram instrumentais. Gostaria também de agradecer à Catarina Páscoa a sua ajuda extensa na revisão deste artigo da versão portuguesa.

¹ O termo *soccer* é utilizado aqui e em todo o artigo, em vez de futebol, porque é o termo utilizado localmente pelas pessoas incluídas nesta análise, inclusive as de língua portuguesa.

juntamente com alguns veteranos estrangeiros que tinham estatuto de estrelas e eram jogadores marginais da Europa e da América do Sul que, embora já não estivessem no seu melhor, se destacavam nos primeiros anos do MLS. Outros jogadores do MLS que formam um importante grupo de talentos dos EUA são americanos de primeira e de segunda geração, incluindo jogadores como Claudio Reyna (de pais portugueses e argentinos), Alexi Lalas (de pais gregos), Tab Ramos (do Uruguai) e, mais recentemente, Freddy Adu (da Nigéria). A jogar no MLS durante o seu ano inaugural estava o já não muito *El Pibe* Carlos Valderamma (que acabou a época com 35 anos). Muita coisa mudou no MLS desde 1996, mas a qualidade dos talentos no primeiro ano era tal que o veterano Valderamma acabou eleito o melhor jogador da liga — apesar de faltar a nove jogos devido a lesões e a compromissos com a equipa nacional da Colômbia.

Uma das preocupações na formação do MLS era a de saber como é que a nova liga ia desenvolver uma base de adeptos. Contrariamente ao que se passa na Europa, onde os adeptos do futebol provêm dos mais variados estratos sociais, entre a maioria dos americanos não pertencentes às comunidades imigrantes o *soccer* era predominantemente um desporto suburbano de uma elite com formação superior e dos seus filhos². Outro grupo de potenciais adeptos era o dos jovens em idade escolar que jogavam nas ligas locais. Embora estes jovens gostassem de jogar *soccer* e houvesse outros que tinham jogado ou assistido a jogos na faculdade, a maioria dos americanos não tinha a tradição de ver e de apoiar as equipas locais de *soccer* profissional. Não há dúvida de que em 1968 surgiu a North American Soccer League (NASL), mas o seu destino foi como que um aviso, pois revelou-se um fracasso total, constantemente à beira da falência, acabando por desaparecer completamente em 1985. A NASL também contava com estrelas estrangeiras de renome um tanto ultrapassadas, incluindo Pelé, que mesmo assim dominou enquanto jogou no New York Cosmos³.

Embora a criação de uma base de adeptos e o desenvolvimento de interesse na liga apresentassem problemas óbvios para o sucesso financeiro previsto, houve uma série de factores que contribuíram para o optimismo dos investidores quanto à viabilidade financeira a longo prazo do seu novo empreendimento. A fase final do Mundial de 1994, realizada em estádios de todo o país, inclusive no estádio de Foxborough, no Massachusetts (a casa

² No meu liceu, na década de 1980, havia dois tipos de jogadores de *soccer*: os de Portugal ou de descendência portuguesa, que vinham de um lado da freguesia, e os não portugueses, que vinham das partes «ricas» da freguesia.

³ Poucos adeptos do futebol português fora dos EUA sabem, contudo, que o grande Eusébio terminou a sua carreira de jogador na NASL (passando o primeiro ano na liga com os Boston Minutemen).

do New England Revolution⁴, localizada no coração geográfico da população imigrante lusófona da zona), contribuiu muito para aumentar a visibilidade do *soccer* nos EUA e para promover este desporto entre uma população que, na sua maioria, o desconhecia. O sucesso recente da equipa nacional americana, que chegou às fases finais dos três últimos campeonatos do mundo (consequindo chegar aos quartos de final do campeonato de 2002), e a subida gradual da equipa nos *rankings* da FIFA, a ponto de garantir um lugar no *top 10* já em 2006, também contribuíram muito para promover o jogo nos EUA. O sucesso da equipa nacional feminina dos EUA e o estatuto de celebridade conferido à equipa que derrotou a China por *penalties* (5-4) no Mundial Feminino de 1999, igualmente realizado nos EUA, foi outro factor. Outra questão foi o aparecimento do *soccer* nos subúrbios, entre os jovens de classe média do ensino elementar.

Fomentar o interesse recente pelo jogo entre pessoas sem o hábito ou a tradição de assistirem a jogos de *soccer* profissional para que elas pagassem para irem aos jogos e para os verem na televisão (assegurando *ratings* suficientemente fortes para permitirem contratos televisivos com a liga) foi essencial para o sucesso financeiro do MLS. Na realidade, um dos principais problemas de *marketing* do *soccer* nos EUA devia-se a uma tradição associada à transmissão televisiva de eventos desportivos baseada nos ritmos do baseball, do futebol (americano), do basquetebol e do hóquei orientados para as empresas, nos quais as paragens frequentes durante o jogo — para encaixar os anunciantes — permitiam a passagem de publicidade durante todo o programa televisivo. A fase final do Mundial de 1994, por exemplo, quase não foi transmitida na televisão nos EUA devido à insistência das estações de televisão para que a FIFA alterasse o formato dos jogos de forma a haver tempo para a publicidade ou para que os jogos fossem divididos em quartos para que pudesse ser transmitida mais publicidade durante os intervalos extra.

Dada a lógica cultural do mercado americano, uma estratégia adoptada pelos donos das equipas com diversos níveis de sucesso foi a promoção da liga entre as comunidades imigrantes. Considerando o conhecimento profundo que estas comunidades têm do jogo, assim como a tradição cultural de assistirem aos jogos e de participarem neste desporto, seria natural que os donos das equipas jogassem a «cartada étnica» — forma como um dos principais jornalistas desportivos americanos de *soccer* se referiu à prática de contratação de jogadores ou de treinadores pertencentes ao grupo demográfico étnico de uma equipa.

Esperava-se que a paixão dos imigrantes pelo *soccer* se traduzisse no aumento do interesse e das receitas para as equipas do MLS. Em diferentes

⁴ Localmente, o Revolution é um pensamento tardio, uma vez que o estádio é a casa dos famosos New England Patriots do futebol (americano), várias vezes vencedores da Super Bowl da NFL. O dono dos Patriots, Robert Kraft, é também o dono do Revolution.

partes dos EUA estas incluíam imigrantes do México, da América Central e do Sul de língua espanhola, da Irlanda e da Alemanha, assim como o grupo examinado no presente artigo, o qual se estabeleceu no Sudeste da Nova Inglaterra — imigrantes lusófonos e seus descendentes oriundos dos Açores, de Cabo Verde, da Madeira, de Portugal continental e do Brasil (e também da Califórnia, onde o San Jose Earthquakes também joga entre uma população imigrante açoriana considerável⁵).

Vários autores discutiram já a forma como as empresas capitalistas actuam nas comunidades imigrantes e fora das fronteiras nacionais. Num influente trabalho em que delinea a utilidade analítica e as limitações do estudo dos processos sociais dos imigrantes num contexto transnacional, esta questão é tratada em vários capítulos por Glick-Schiller *et al.* (1992). No livro, Lessinger (1992), Georges (1992), Ong (1992), Richman (1992) e também Mankekar (2002), por exemplo, examinam certas facetas das empresas capitalistas e a forma como o fluxo de dinheiro, de mão-de-obra e de produtos fora das fronteiras nacionais molda os processos culturais e sociais adaptativos tanto nas comunidades de acolhimento como nas do país de origem. De forma idêntica, outros estudos examinaram processos semelhantes entre as populações lusófonas, incluindo Harder (1989), Chapin (1992), Seiber (2002) e Sarkissian (2002).

Nestes e noutros estudos, contudo, embora nem sempre o grupo transnacional de imigrantes seja o alvo do *consumo* nos mercados de capital, nas análises subsequentes esse grupo é geralmente tratado como o alvo da *produção*. Mesmo quando os artefactos culturais são reinventados para mercantilização, como no estudo de Sarkissian dos rituais portugueses reinventados em Malaca para atrair os dólares dos turistas, o que importa é como é que a cultura de um grupo de imigrantes é produzida por esse grupo para ser vendida a outros.

A venda do *soccer* pelo MLS e pelo New England Revolution às comunidades lusófonas da região é única neste aspecto. Envolve a produção capitalista de uma empresa que não faz parte do grupo de imigrantes e que, na busca do seu próprio bem-estar financeiro, atrai, consciente e incidentalmente, os interesses culturais dos grupos de imigrantes locais. Através destas actividades comerciais orientadas para o mercado, a liga de *soccer* profissional americana teve um efeito concomitante no discurso sobre a identidade transnacional dos imigrantes e nos processos culturais adaptativos entre as comunidades lusófonas. O que este estudo pretende esclarecer é que as expressões locais de pertença transnacional, que têm um efeito subsequente nos processos dos poderes políticos, económicos e culturais locais, são não só criadas, reforçadas e mantidas pelo próprio grupo transnacional de imigrantes, mas podem também ser concretizadas por força de interesses

próprios fora desse grupo. Além disso, as comunidades imigrantes lusófonas tratadas neste artigo tiveram um efeito concomitante na forma como o desporto é entendido na região como um todo e, através do consumismo, moldaram elas próprias as práticas comerciais de uma empresa capitalista de uma forma que serve os seus próprios fins.

IMIGRAÇÃO LUSÓFONA NA NOVA INGLATERRA

Os imigrantes lusófonos — oriundos predominantemente do arquipélago dos Açores, localizado a meio do oceano Atlântico, juntamente com os de Cabo Verde e da Madeira — começaram a fixar-se na Nova Inglaterra em números significativos em finais de 1800. Paus para toda a obra das tripulações dos navios baleeiros, os portugueses trocavam os mares por uma vida em terra como agricultores à chegada à América. (Não é por acaso que as maiores comunidades de imigrantes açorianos e cabo-verdianos da Nova Inglaterra se encontram actualmente e/ou historicamente nas grandes cidades baleeiras da América, como New Bedford.) Embora a maioria dos estudos contemporâneos sobre a imigração portuguesa nos Estados Unidos tenda a focar as populações imigrantes urbanas (normalmente a trabalharem nas fábricas têxteis e noutras), os portugueses também dominaram a actividade agrícola em meados do século XX nas duas costas. Embora muitos ainda labutem em fábricas e em trabalhos industrializados, na Nova Inglaterra os imigrantes mais antigos, bem como os actuais provenientes dos Açores, da Madeira, de Portugal continental e de Cabo Verde e os seus descendentes, juntamente com os recém-chegados do Brasil, actualmente trabalham mais na construção e na indústria de serviços.

A história da imigração lusófona para os EUA é entendida como uma narrativa de refugiados por razões económicas, políticas e de fuga aos desastres naturais; deslindar a complexidade da formação do grupo étnico entre este grupo de «portugueses» e a dos processos sociais a eles associados à medida que foram evoluindo ao longo do século XX é, contudo, um exercício fascinante para compreender a sobreposição de identidades contextuais e instrumentais⁶.

Em primeiro lugar, embora sejam referidos como «portugueses», apenas uma percentagem relativamente pequena dos imigrantes nos Estados Unidos vem de Portugal continental: a maioria é originária do arquipélago dos Açores, localizado a meio do Atlântico. A construção da identidade portuguesa

⁶ O instrumentalismo aqui situa-se na tradição antropológica que vê a formação dos grupos étnicos como situacional, contextual e, em última análise, adaptativa (isto é, Barth, 1969, Cohen, 1969, Colson, 1967, Eller e Coughlin, 1993, Gluckman, 1958, Hicks, 1977, Leach, 1956, Mitchell, 1956, e Moermon, 1965).

tanto nas ilhas como entre as comunidades imigrantes contemporâneas tem sido em parte historicamente moldada por litígios de ordem económica e política entre as várias facções nos Açores e em Portugal continental ao longo dos quinhentos anos de existência da população das ilhas. Este conflito intensificou-se em diversas alturas nos últimos trinta e tal anos (tendo os movimentos de independência das colónias africanas um movimento homólogo nos Açores⁷) e ainda se mantém, dado o estatuto político de autonomia específico dos Açores, o qual confere ao arquipélago autonomia política e económica, lhe dá um presidente e um parlamento próprios, mas que, contudo, o envolve, através da legislação, do estatuto nacional e do discurso de pertença cultural, na nação portuguesa. O processo tem reflexos na Madeira e, embora a situação seja ligeiramente mais complexa em Cabo Verde devido ao seu estatuto político como nação independente, para os imigrantes cabo-verdianos que mantêm passaportes portugueses a situação também é semelhante⁸.

A imigração tem sido um elemento estrutural essencial de adaptação económica e política tanto nas comunidades de origem como nas de acolhimento dos portugueses das ilhas que constituem a maioria da população, assim como entre as bolsas de imigrantes de Portugal continental. Além disso, as ligações concretas e discursivas entre estes imigrantes fazem com que eles entendam esta diáspora num contexto transnacional⁹.

Como resultado, a manutenção de ligações conceptuais e práticas entre as populações transnacionais que vivem nos espaços lusófonos na América do Norte e os seus locais geográficos de origem tem sido efectuada, simultaneamente, através de processos políticos (Noivo, 2002) e da participação em verdadeiras redes de sobrevivência económica (Moniz, 2004.) Como este artigo se insere, em parte, nos debates teóricos da identidade transnacional e da diáspora (com prudência quanto às limitações da utilidade analítica dos termos), exprimo a minha concordância com Gonzales (1992), quando ele chama a atenção para o facto de que um grupo na diáspora afastado do país

⁷ Mesmo o movimento independentista e autonomista dos Açores foi levado a cabo tendo como referência e com a participação das comunidades imigrantes. Os guerrilheiros revolucionários da FLA, que defendiam a separação do continente, tinham a sua base operacional na comunidade imigrante micalense de Fall River, no Massachusetts.

⁸ Outros factores incentivaram os cabo-verdianos a articularem uma identidade portuguesa, por exemplo, a lei americana até 1954 proibia os imigrantes de países africanos de se tornarem cidadãos. O discurso racial nos EUA que dividia as populações nacionais portuguesas por fenótipos também criou algumas facetas interessantes dos processos étnicos portugueses.

⁹ De acordo com as estatísticas do Banco de Portugal, desde Janeiro até Setembro de 2002, cerca de 40 milhões de dólares foram enviados pelos emigrantes dos EUA e do Canadá para contas em Portugal. Este número não inclui dinheiro de visitas, presentes, etc., mas indica, pelo menos em termos económicos claros, a ligação que estes imigrantes mantêm com o seu país de origem.

de origem, mantém aquilo que é uma ligação mítica com esse país. Contudo, esses mitos têm consequências para aqueles que pautam as suas vidas sociais por eles. Neste ponto estou de acordo com Tölölyan (1996), R. Cohen (1997), Safran (1997), Vertovec (1997) e Klimt e Lubkemann (2002), que vão além do conceito de diáspora simplesmente como uma forma de conceptualizarem a dispersão para examinarem a natureza prática dessas ligações criadas entre o país de origem e as sociedades de acolhimento e a forma como essas ligações alteram a natureza das práticas sociais entre os que vivem nos locais geográficos envolvidos.

As análises antropológicas da formação da identidade transnacional e da sua relevância teórica para explicarem um conjunto único de processos sociais constituem uma ferramenta útil para deslindar a migração portuguesa para e da América do Norte nos últimos cem anos. Uma explicação minuciosa do trabalho das redes transnacionais entre os imigrantes lusófonos está completamente fora do âmbito do presente artigo, mas basta observar que é feita referência a um sentimento de pertença a um colectivo transnacional a nível do discurso dos participantes que abarca todo o espectro social, desde os refugiados desfavorecidos por razões económicas cujas famílias lhes enviam remessas ou lhes oferecem empregos fora das fronteiras nacionais até aos interesses comerciais e políticos. Além disso, o discurso não está estreitamente confinado a um pequeno grupo de participantes nem é, simplesmente, um discurso político vazio para fazer com que as pessoas se sintam bem. O discurso reflecte ligações concretas que moldam as estruturas culturais e sociais nos espaços transnacionais (mesmo que também reifiquem essas estruturas).

A análise da formação do grupo étnico através da referência aos fins instrumentais e adaptativos concretizados no processo dá a conhecer a formação complexa de identidades étnicas locais entre as populações lusófonas na Nova Inglaterra. Explica também o sentimento contextual e sobreposto de pertença que estas populações têm. Os empregos, o estatuto social e as oportunidades económicas foram negados ou oferecidos com base na distinção. Mas a relação entre os ilhéus açorianos, os madeirenses, os continentais e, inclusive, muitos cabo-verdianos, com construções mais amplas da categoria portuguesa, não é simplesmente antagónica e binária. O que torna este caso interessante é que as mesmas pessoas que se separam através do envolvimento em redes sociais e em grupos de interesses políticos e económicos baseados numa determinada categoria também mantêm um sentimento mais vasto de «identidade portuguesa» (o qual, na Nova Inglaterra, pode incluir os cabo-verdianos) que as liga aos outros e que faz com que também partilhem instituições políticas e sociais num vasto grupo de imigrantes lusófonos. Este grupo também inclui (embora de uma forma complicada)

imigrantes do Brasil¹⁰. Aquelas que, em determinada altura, são, formações colectivas de identidade que são antagónicas aos «portugueses» (isto é, açorianos, madeirenses) podem, noutra altura, ser os verdadeiros marcadores da pertença à própria categoria «portugueses». Pela forma como o processo se desenrola nas comunidades imigrantes lusófonas, não há uma relação simples de um-para-um entre a identidade nacional e a etnicidade. Além dos cidadãos nacionais, a categoria «portugueses», tal como é utilizada localmente, também pode incluir os que nasceram nos EUA e os oriundos de diversos pontos de origem geográfica (e nacional).

Para efeitos de clareza analítica, diria que a identidade transnacional não é aqui simplesmente empregue para definir um colectivo, mas antes que é consistente com os usos do conceito que analisam a formação identitária dos imigrantes: (1) na qual os imigrantes transnacionais estão conceptual e estruturalmente ligados às suas sociedades de origem; (2) através da compreensão da adaptação política e económica; (3) que ocorre em locais geográficos específicos; (4) mas com referência e em resultado da ligação ao grupo mais vasto como um todo. Para reiterar um ponto anterior, é um facto que os grupos transnacionais são construções sociais imaginadas, mas os processos sociais que coalescem em torno destas construções têm todas implicações bastante reais para os intervenientes sociais envolvidos.

Há muitas ligações sócio-culturais que servem para unir os imigrantes lusófonos ao seu país de origem: entre elas, as remessas, as visitas da família, a cobertura na comunicação social, as práticas comerciais, o discurso político e as acções. Uma das instituições principais na criação e no reforço da ligação transnacional entre as populações lusófonas na Nova Inglaterra é o jogo de *soccer*.

IDENTIDADE TRANSNACIONAL, IMIGRANTES LUSÓFONOS E *SOCCKER*

O *soccer* tem uma longa tradição entre as comunidades portuguesas da Nova Inglaterra, onde a população imigrante de língua portuguesa desempenha um papel crucial (juntamente com os imigrantes da Itália, da Grã-

¹⁰ Várias instituições de apoio social, como a Massachusetts Alliance of Portuguese Speakers, o Immigrants Assistance Center de New Bedford ou a Casa da Saudade Library, em Massachusetts, são partilhadas por populações lusófonas, independentemente do seu local de origem. Os brasileiros recém-chegados são auxiliados quando vivem em zonas com grandes populações portuguesas, onde já está montado um esquema de assistência linguística e cultural para os ajudar na transição. Apenas nalguns casos (incluindo a cidade de Nova Iorque) os brasileiros se estabeleceram nos EUA fora de comunidades que não tivessem já populações lusófonas. A aliança e a ligação entre todo o grupo lusófono pode ser litigiosa e antagónica, mas está sempre, de uma forma ou outra, presente.

-Bretanha, da Irlanda, do México, da Grécia, da Alemanha e da Ucrânia) no desenvolvimento deste desporto nos EUA. Embora o sucesso internacional tenha sido limitado, em determinadas bolsas do país este desporto tem florescido devido, em grande parte, às equipas portuguesas e aos jogadores portugueses. Em meados do século, a Southern New England Soccer League (SNESE) incluía Adelino «Billy» Gonsalves (nascido em Tiverton, Rhode Island, de pais oriundos da Madeira), considerado o maior jogador, natural do país, da história do *soccer* nos EUA e avançado da All-Century Team dos EUA eleita pela Gannett News Services. Gonsalves foi essencial para que a equipa americana chegasse às semifinais do Mundial de 1930, jogando também em 1934. Os Fall River Marksmen, multivencedores da US Open Cup, tinham um plantel recheado de jogadores portugueses, o mesmo se passando com outro vencedor da Taça, o Ponta Delgada (assim chamado devido à cidade açoriana), que incluía o capitão americano Joe Rego-Costa. Os jogadores portugueses enchem o *hall* da fama da National Soccer Association dos EUA, com Gonsalves, Arnold Oliver, de New Bedford, assim como Ed Souza e John Souza, que jogaram na equipa americana que venceu a Inglaterra por 1-0 no Mundial de 1950, infligindo ao Reino Unido a sua pior derrota de sempre nesse dia em Belo Horizonte.

Em 1973, os luso-americanos fundaram a Luso-American Soccer Association (LASA) na Nova Inglaterra. A LASA foi amplamente reconhecida como uma das principais ligas amadoras dos EUA, tendo produzido um grupo de grandes jogadores que mais tarde teriam sucesso na Europa, no MLS e nas equipas nacionais de Portugal e do Brasil. Em 2001, a LASA fundiu-se com outra liga, igualmente fundada por luso-americanos, para formar a New England Luso-American Soccer Association (NELASA). A NELASA conta actualmente com cerca de cinquenta equipas que vão dos sub-11 aos veteranos.

Outra contribuição das comunidades lusófonas para o *soccer* americano são os muitos treinadores que as comunidades produziram a nível profissional, colegial e, especialmente, das ligas juvenis. Nas zonas do Sudeste da Nova Inglaterra com destacadas populações portuguesas, os filhos dos imigrantes portugueses também fazem parte e dominam as equipas liceais locais de *soccer*. É raro haver um jogador de *soccer* não lusófono dos liceus do Sudeste da Nova Inglaterra, rapaz ou rapariga, que não tenha um colega de equipa com raízes nos Açores, na Madeira, em Cabo Verde ou em Portugal continental ou, cada vez mais, um colega de equipa que não tenha nascido no Brasil.

Este desporto cria um vínculo através do qual é concretizado um conjunto de objectivos de integração sócio-cultural. Os imigrantes são capazes de transpor para a comunidade imigrante padrões culturais estruturais anteriores à migração, sendo a pertença transnacional em grau expressa e

reificada. A participação neste contexto transnacional enquanto se identificam como portugueses¹¹ traz empregos, habitação e poder político e económico, satisfaz as necessidades psicológicas e confere várias outras vantagens (assim como responsabilidades) consistentes com a pertença a um grupo comunal mutuamente benéfico¹².

As alianças com determinadas equipas e jogadores portugueses, juntamente com as transmissões radiofónicas e televisivas locais de jogos em directo ou de notícias de competições da Superliga e internacionais, ligam os imigrantes ao país de origem; e, através da sua participação altamente visível no desporto — como com outros marcadores proeminentes de identidade cultural, incluindo rituais sócio-religiosos, restaurantes, clubes sociais, paradas, etc. —, «os portugueses» são vistos como um grupo étnico distinto, uma vez que o *soccer* lhes confere um conjunto de *tropos* para a marcação de limites (importante para a construção instrumentalista da identidade étnica)¹³.

Entre as comunidades imigrantes portuguesas, as pessoas reúnem-se para conversar em restaurantes, cafés, clubes e nas suas casas enquanto os adeptos assistem aos jogos da 1.^a Divisão na RTPi e transmitidos por satélite ou aos jogos internacionais em que participa a selecção portuguesa ou a brasileira. Muitas vezes estas reuniões realizam-se nos clubes de *soccer* dos imigrantes que patrocinam as equipas e as ligas locais, realizam eventos sociais de integração na comunidade e organizam visitas das equipas e dos jogadores portugueses.

O activismo político surgiu devido à paixão pelo *soccer*, pois formaram-se grupos de interesses para forçarem com sucesso as empresas locais de televisão por cabo a incluírem a RTPi, uma vez que os imigrantes queriam ver os jogos da Superliga. A RTPi e a televisão local em língua portuguesa têm uma série de programas de futebol, incluindo destaques semanais dos jogos, cobrindo as equipas que disputam o campeonato da Superliga e focando as equipas de quase todas as aldeias das ilhas. A imprensa em língua portuguesa da Nova Inglaterra também promove as ligações transnacionais em torno do *soccer*, cobrindo não só os jogos, mas também os atletas de sucesso da comunidade transnacional. A receber todas as atenções da im-

¹¹ Definidas normativamente, estas identidades transnacionais não são interpretadas de uma forma rígida e um «português» que possa beneficiar (ou não) do facto de pertencer a um contexto também tem à sua disposição outros contextos identitários adaptativos através dos quais ser «português» não é fundamental.

¹² Os processos sociais envolvidos nas redes transnacionais de imigrantes lusófonos têm sido examinados em diversos estudos que chamam a atenção para os factores instrumentais que suportam o processo incluindo Feldman-Bianco (1992), Leal (2002), Lacerda (2003), Moniz (2004) e Lubkemann (2000 e 2002).

¹³ V., obviamente, Barth (1969) relativamente à necessidade de marcar a diferença no estabelecimento da identidade étnica.

prensa deste tipo, por exemplo, está o melhor marcador de todos os tempos da selecção portuguesa, Pauleta, que é de São Miguel, nos Açores¹⁴. Os bares, os restaurantes e as filiais locais de equipas portuguesas, como o Benfica Club de Fall River, fazem transmissões de jogos via satélite que atraem os adeptos de *soccer* portugueses e não portugueses, que assistem aos jogos, por exemplo, da Superliga, da Liga dos Campeões ou da Taça UEFA, que, pura e simplesmente, não são transmitidos nos bares americanos. Igualmente ao serviço dos clientes lusófonos e não lusófonos estão as lojas de *soccer* pertencentes aos imigrantes nas comunidades, que são das que mais se destacam na região. Nestes casos, as redes transnacionais — implantadas tanto na ligação ao *soccer* como nas estruturas através das quais essa ligação é expressa — conferem claramente benefícios económicos palpáveis àqueles que as promovem e nelas participam.

Noutras actividades típicas das redes transnacionais de intercâmbio económico, as agências de viagens norte-americanas organizam pacotes que permitem aos imigrantes e aos seus filhos viajar para Portugal para assistirem aos jogos¹⁵, injectando dinheiro tanto na economia do país de origem como nas empresas dos imigrantes. Os açorianos que regressam depois de assistirem aos jogos no continente encontram-se com os parentes em paragens transatlânticas ou permanecem alguns dias extra nas ilhas no seu regresso à América do Norte. Muitos dos que pertencem à geração nascida nos EUA encontram-se com familiares que ainda não conheciam. É uma oportunidade para a segunda geração e para aqueles que nasceram em Portugal mas que partiram muito novos estabelecerem contactos pessoais com familiares que poderão ser renovados em anos futuros.

Além disso, como o *soccer* se tornou cada vez mais popular nos Estados Unidos, o jogo coloca ao dispor das gerações nascidas na América um mecanismo que lhes permite realizar processos complexos de identificação e síntese nos contextos culturais muitas vezes contraditórios entre os locais onde nasceram e os países de origem dos pais. Torcendo pela sua equipa portuguesa favorita (normalmente a do pai) ou pela selecção, quer se desloquem aos jogos, quer os vejam em bares, eles estão a participar na construção e na conceptualização da comunidade transnacional. O discurso tam-

¹⁴ Pauleta funciona para muitos como um tropo utilizado pelos açorianos no país de origem e na diáspora para analogar uma identidade social na qual estão simultaneamente separados de Portugal e envolvidos em Portugal, reflectindo o estatuto político dos Açores no Estado português (Moniz, 2004).

¹⁵ Encontrei um amigo no voo de regresso à América vindo dos Açores. Perguntei-lhe durante quanto tempo estivera de visita à sua ilha e ele respondeu-me que ele e o sobrinho só tinham passado o fim de semana em Lisboa (donde o avião partira) a ver os jogos do Sporting e do Benfica. De facto, o avião estava cheio de peregrinos que regressavam de assistirem ao futebol na «catedral» da Luz.

bém os ajuda a definir a natureza da pertença em termos mais vastos. Antes do jogo entre os Estados Unidos e Portugal no Mundial de 2002, por exemplo, os órgãos de comunicação social locais portugueses e ingleses noticiaram as alianças existentes na comunidade lusófona a favor ou contra as duas equipas. Algumas pessoas expressaram o seu desapontamento pelo facto de o jogo ter mesmo de ser disputado e esperavam que ambas as equipas fossem as apuradas do grupo, mas, se apenas uma pudesse passar à fase seguinte, não havia dúvidas de que Portugal era claramente o preferido.

No último dia de jogos do grupo, várias permutações permitiriam que Portugal avançasse, incluindo uma vitória sua ou uma derrota dos Estados Unidos. A assistirem ao jogo num restaurante português em Rhode Island, com mais outros 80 adeptos¹⁶, os adolescentes nascidos na América que entrevistei (estavam presentes cerca de 12) estavam muito mais divididos do que os pais. Embora estes adolescentes afirmassem que esperavam que os EUA passassem à fase seguinte, o facto de estarem a assistir ao jogo de Portugal em directo (enquanto o jogo dos EUA estava a ser jogado simultaneamente) chama a atenção para os aspectos adaptativos do contexto transnacional em relação ao *soccer*. Assistir a jogos na televisão, ir ver as equipas portuguesas ou jogar o jogo juntos proporciona aos pais e aos filhos um espaço comum através do qual é possível mediar uma série de questões intergeracionais¹⁷.

Através do seu conhecimento profundo do jogo, como jogadores, treinadores e espectadores, e da sua profunda tradição cultural neste desporto, o *soccer* proporciona aos imigrantes uma das poucas áreas sociais nas quais o seu estatuto de «portugueses» lhes confere autoridade em relação aos americanos (não portugueses)¹⁸. Um exemplo etnográfico que demonstra que esta autoridade é instrutiva. Num jogo amigável de preparação para o Mundial-2002, no qual os EUA foram maltratados pela Holanda em Foxborough, um imigrante português comentador desportivo dirigiu-se ao treinador americano, Bruce Arena, na conferência de imprensa, criticando o esquema adoptado no jogo, perguntando-lhe, com desdém, se «com esta táctica esperava vencer o torneio?». O que ficou por perguntar foi «contra Portugal» (um dos

¹⁶ Noutro exemplo de identidade transnacional instrumental, os clientes que pagaram para assistir ao jogo com outros adeptos portugueses (e para um grande *buffet*) contribuíram para que o dono arrecadasse rapidamente mais uns 2000 dólares.

¹⁷ V. Portes (1996) e Portes *et al.* (2001) para as análises do conflito entre as gerações de imigrantes e as nascidas localmente nos EUA.

¹⁸ Um tópico de investigação fecundo seria o exame da relação entre grupos de imigrantes e americanos nativos em torno do *soccer*, dado o papel social geralmente de baixo estatuto de certos imigrantes nos EUA e o facto de os seus conhecimentos culturais sobre o *soccer* serem reconhecidos, e até mesmo invejados, pelas elites não imigrantes educadas que nele participam.

grandes favoritos do Mundial de 2002 e o primeiro adversário dos EUA). Arena respondeu na defensiva à crítica pouco velada, enquanto o repórter continuava a pressionar. Arena seria o último a rir¹⁹, mas a verdade é que há poucos outros espaços abertos aos imigrantes lusófonos em que estes possam tratar os não lusófonos de estatuto elevado da forma como o repórter questionou Arena. De uma perspectiva sócio-linguística, implícito na troca de palavras estava a presunção de conhecimento profundo de perito por parte do imigrante, que pertencia a um órgão de comunicação social pequeno e limitado de língua portuguesa, em relação ao americano, que era nem mais nem menos o treinador da equipa nacional americana.

O NEW ENGLAND REVOLUTION E AS COMUNIDADES LUSÓFONAS

Um tópico comum às análises da identidade transnacional é a relação económica entre o país de origem e as comunidades da diáspora entre um grupo transnacional de imigrantes. Houve outro fenómeno que ocorreu entre as comunidades da diáspora lusófona da Nova Inglaterra em relação ao New England Revolution. Tanto intencional como tangencialmente, a empresa não portuguesa tem contribuído de forma significativa para a construção e a manutenção do espaço social transnacional, auxiliando assim as comunidades imigrantes lusófonas a adaptarem-se à sociedade mais vasta na qual se inserem.

Outras empresas não lusófonas fazem *marketing* para as populações lusófonas de uma certa maneira. Nos jornais locais de língua portuguesa são colocadas circulares sobre os supermercados regionais (e também sobre outras empresas que fazem publicidade nos jornais ou na televisão e na rádio em português). As lojas promovem as ligações de identidade transnacional, incluindo produtos alimentares açorianos, brasileiros, cabo-verdianos, etc., nas prateleiras do «corredor internacional». As empresas não portuguesas associadas aos bares e restaurantes lusófonos também beneficiam do aluguer de instalações aos imigrantes lusófonos para festas e jantares, para já não falar dos políticos, que, se tiverem eleitores portugueses, gostam todos de bacalhau, especialmente em ano de eleições.

¹⁹ Os EUA ganharam naquilo que foi então considerado uma grande contrariedade no Mundial. Um amigo comentou que uma coisa que detestava sobre ser adepto de *soccer* nos EUA é que quando saíram depois da vitória não havia nada a não ser o silêncio, uma vez que a vitória tinha passado despercebida à maioria dos americanos. É claro que ele viu o jogo em Providence, Rhode Island, numa região dominada por imigrantes portugueses, o que constitui uma explicação alternativa para o silêncio nas ruas.

Um interesse capitalista que foi promovido entre as comunidades lusófonas (e hispânicas) é o New England Revolution do MLS. As promoções comerciais, as relações públicas (há dois representantes da imprensa para o Revolution, um é da língua-mãe portuguesa), os jogadores da equipa (embora este seja um aspecto muito mais limitado do *marketing* devido ao papel dos treinadores nas decisões pessoais) e os eventos especiais foram todos intencionalmente concebidos, ou têm funcionado como uma coisa natural, para atraírem as populações lusófonas locais.

O Revolution assinou com jogadores dos países lusófonos para preencher o seu plantel internacional e foi buscar talentos às próprias comunidades imigrantes. Os Revs (como são afectuosamente conhecidos pelos fãs) já tiveram vários jogadores lusófonos. Chiquinho Conde, nascido em Moçambique e avançado goleador do Sporting, deixou a Superliga para se tornar o primeiro jogador internacional de relevo dos Revs quando assinou pelo clube em 1997, numa jogada destinada a promover a equipa entre os imigrantes lusófonos. Jaír, a estrela da equipa nacional de Cabo Verde, Carlos Semedo, um jogador de Portugal continental cujos pais são cabo-verdianos, Tony Freitas, um português, antigo jogador suplente do Marítimo da 1.^a Divisão e nascido no Massachusetts de pais açorianos, assim como vários jogadores brasileiros, incluindo Cassio, assinaram pelos Revs. Antes da primeira temporada, o director-geral da equipa, Brian O'Donovan, deslocou-se a Lisboa para fazer contactos com equipas portuguesas em 1995, incluindo o Sporting e o Benfica, e, embora não tivessem sido contratados, falou com candidatos portugueses que pudessem ocupar o lugar de primeiro treinador da equipa, entre eles António Simões e António Oliveira. Foi também aconselhado por Carlos Queiroz quanto aos potenciais jogadores.

O *marketing* consciente dirigido às comunidades étnicas era um dos objectivos do MLS. Com este fim em vista, em 1995 a liga nomeou Doug Logan — de origem cubana e inglesa e bilingue — seu comissário, numa tentativa que se esperava que viesse a produzir contactos com equipas internacionais (e com os seus jogadores) na Europa e na América Central e do Sul, ao mesmo tempo que promovia o jogo entre os imigrantes dessas zonas dos EUA (Dell'Apa, 1995). As alterações nas regras adoptadas desde a primeira temporada também contribuíram para que o *soccer* americano se assemelhasse mais ao futebol do resto do mundo. Por exemplo, a liga acabou com o bizarro *penalty* ao estilo do hóquei no gelo para os desempates, no qual a bola era driblada a partir do meio campo antes de ser rematada à baliza. Também os nomes das equipas reflectem a estratégia, tornando-as mais vendáveis junto das bases de adeptos imigrantes, como é o caso do novo clube registado em Los Angeles, o Club Deportivo Chivas, que tem ligações ao CD Guadalajara, do México, e que conta com alguns dos mais entusiásticos programas de *marketing* dirigidos aos adeptos imigrantes do MLS.

Em entrevistas, Jaír, Carlos Semedo e Tony Freitas disseram que sabiam da presença das comunidades lusófonas e da sua paixão pelo *soccer* antes de entrarem para a equipa e, em cada um dos casos, os jogadores confessaram que esse apoio tinha pesado na sua decisão de virem para a Nova Inglaterra. Enquanto estiveram no Revolution, os três jogadores também participaram activamente na vida da comunidade lusófona. A título de *marketing* e de criação de fidelidade à marca para números crescentes de adeptos de *soccer*, os Revs organizam eventos de ajuda à comunidade, incluindo acções de angariação de fundos e clínicas com a participação de membros da equipa. Os jogadores lusófonos participaram em eventos específicos dos adeptos do seu local de origem de forma oficial e não oficial, apresentando clínicas, indo a bares, festas e jantares nas comunidades, etc., através dos quais actuaram como emissários da equipa. Walter Silva, um colunista da imprensa da imigração portuguesa que também tem um programa de rádio em português, tem-se feito ouvir clamorosamente, dizendo que o Revolution é a verdadeira equipa dos imigrantes portugueses e defendendo intransigentemente que estes o apoiem²⁰.

É claro que os representantes da equipa dizem que o Revolution não contrata jogadores com base (unicamente) na sua etnicidade, mas que procura jogadores que, em primeiro lugar, ajudem a equipa e, se a etnicidade de um bom jogador agrada a uma base de adeptos, tanto melhor. Confirmando as afirmações da equipa de que a qualidade do jogador é o que interessa, a verdade é que certos jogadores lusófonos bastante populares foram negociados e recusados para serem substituídos por jogadores sem qualquer ligação étnica às comunidades. No entanto, numa tentativa de explicar por que não estão os portugueses interessados nos Revs, Adelino Ferreira, chefe de redacção do *Portuguese Times*, atribuiu parte do problema à falta de jogadores portugueses no plantel nos últimos anos. Acrescentou que a lealdade às equipas da Superliga também faz com que muitos fãs não se liguem aos Revs, uma vez que preferem seguir o Sporting ou o Benfica. Nas últimas temporadas houve jogadores brasileiros na equipa, mas Frank Dell'Apa, colunista de *soccer* do *Boston Globe*, disse que a equipa podia fazer muito mais para atrair a comunidade lusófona local, afirmando que, se Figo jogasse pelos Revs, estes venderiam mais 10 000 bilhetes por temporada. Segundo ele, a ideia de trazer Figo para Foxborough no futuro tem sido alvo de um certo debate entre a equipa. Embora os esforços do Revolution

²⁰ O representante da imprensa portuguesa dos Revs continua a promover a equipa junto das comunidades, tendo contactado recentemente com os dois principais jornais de língua portuguesa da Nova Inglaterra para publicar um anúncio de meia página da equipa em cada edição.

possam não ter sido perfeitos neste aspecto, não há dúvida de que os jogadores lusófonos atraíam os adeptos lusófonos²¹.

A promoção da equipa nas comunidades fez com que o Revolution patrocinasse jogos internacionais «amigáveis» com equipas lusófonas (que também, de forma independente, beneficiam financeiramente). O Benfica, o Sporting, o Santa Clara (Açores), o Marítimo (Madeira) e a equipa nacional de Cabo Verde já vieram todos a Foxborough jogar com o Revolution ou entre si. Os organizadores das comunidades portuguesas locais realizaram pela primeira vez um jogo no estádio entre o Sporting e o Benfica no início da década de 1970 (o qual se manteve durante anos como o jogo, sem ser do Mundial, com maior número de espectadores nos EUA). Nos últimos anos, os esforços do MLS tiveram como resultado um aumento drástico do número e da qualidade das equipas internacionais que jogam nos EUA, especialmente em Foxborough, e sobretudo de equipas portuguesas. O Sporting deslocou-se recentemente aos EUA e perdeu com o Revolution, enquanto o Benfica joga na América com alguma frequência, tendo um dos jogos contra os Revs em 1998 atraído uma multidão de 40 000 espectadores, o que representou mais do dobro do número normal de espectadores dos Revs durante esse período. Quando o Benfica joga em Foxborough atrai, normalmente, a maior multidão de futebol que se desloca ao estádio durante o ano. O Real Madrid jogou no Giant's Stadium, nos Meadowlands de Nova Jérсия, com Figo a atrair muitos luso-americanos de Nova Jérсия e da Nova Inglaterra. Num dos maiores jogos realizados em Foxborough, a equipa nacional de Cabo Verde jogou um encontro amigável contra o Marítimo, num jogo que contou com a presença de imigrantes de Cabo Verde, da Madeira e de outros locais lusófonos. Meia dúzia de jogadores da equipa cabo-verdiana tinham familiares próximos a viverem na zona, incluindo o antigo jogador dos Revs Jaír²².

Uma vez na zona a maioria destas equipas joga outros jogos, participando entre as comunidades lusófonas em jogos amigáveis com equipas semi-profissionais e amadoras. O grosso das despesas para trazer as equipas aos EUA está coberto pela margem de lucro do grande jogo que tem lugar em

²¹ Outro factor é que a equipa tem tido muito sucesso com o actual plantel, chegando por duas vezes às finais do campeonato do MLS e uma vez à US Open Cup desde 2001, e pode estar com receio de fazer muitas alterações.

²² Uma nota etnográfica: a multidão dominada pelos cabo-verdianos cantou o hino nacional português de forma muito mais audível do que o de Cabo Verde. Em vez de falar às lealdades nacionais, talvez isto chame a atenção para a complexidade da identidade cabo-verdiana nos EUA, pois muitos cabo-verdianos emigraram antes da independência, e para o facto de a geração nascida nos EUA não conhecer nenhum dos hinos nacionais. Pode ainda sugerir que muitos cabo-verdianos têm lealdades (e acesso) às equipas da Superliga e à selecção portuguesa e ouviram simplesmente esse hino com mais frequência. No entanto, não deixa de ser interessante.

Foxborough, mas é precisamente isso que lhes permite jogar também contra as equipas lusófonas mais pequenas.

Outra estratégia de *marketing* empregue pela equipa consiste em realizar dois jogos de uma vez, ou seja, um jogo internacional importante seguido de um jogo do Revolution. Por exemplo, os Revs vangloriaram-se de terem a maior multidão nos EUA a assistir a um jogo não internacional num jogo da temporada regular realizado no estádio de Foxborough em 1997. O que não disseram foi que o jogo foi a segunda metade de um programa duplo a seguir a um jogo de qualificação para o Campeonato do Mundo entre o México e os Estados Unidos. O jogo realizou-se no Nordeste dos EUA, em Foxborough (em vez do Texas ou da Califórnia), numa tentativa para colocar o maior número de adeptos americanos no estádio em comparação com os adversários. Apesar de o jogo ter sido disputado o mais longe possível da fronteira mexicana, sem ser no Canadá, se fôssemos a julgar pelo número de fãs, o México foi de longe a equipa da casa. Depois do jogo, nem todos os fãs ficaram para o segundo jogo, mas mais de metade ficou, incluindo tanto adeptos mexicanos como americanos.

Noutro exemplo de como o Revolution participa em aspectos discursivos e práticos da esfera transnacional, a equipa deslocou-se várias vezes a Portugal e ao Brasil, incluindo uma vez aos Açores, para orientar as suas sessões de treino, vivendo localmente e disputando jogos com equipas de várias divisões das Federações de Futebol de Portugal e do Brasil. O treino nestes lugares contra as equipas locais faz uma sugestão interessante sobre a migração de retorno transnacional. Nos Açores, dada a frequência com que os imigrantes andam para trás e para a frente e a ligação transnacional de longa duração à região, as equipas de futebol açorianas da Nova Inglaterra deslocam-se muitas vezes aos Açores para jogarem com outras equipas durante os meses de Verão. A presença dessas equipas é uma das muitas ligações transnacionais entre os Açores e as suas comunidades na diáspora (Moniz, 2004). A diferença, é claro, é que são equipas luso-americanas associadas a clubes desportivos portugueses. O processo de deslocação do Revolution a estes espaços lusófonos é, contudo, interessante, uma vez que o Revolution não é incluído discursivamente como parte das concepções da comunidade transnacional, mesmo que nela participe e para ela contribua²³.

Ao jogarem em Portugal e no Brasil, os interesses dos Revs são servidos de várias maneiras. Em primeiro lugar, a equipa consegue testar e melhorar as suas capacidades contra adversários excelentes e prontamente disponíveis e em locais que lhe são economicamente favoráveis. Consegue também vender

²³ Durante a viagem dos Revs havia açorianos nas ilhas que conheciam melhor a equipa do que a maioria dos americanos da Nova Inglaterra (comunicação pessoal de Frank Dell'Apa, 2005).

à sua base de adeptos lusófonos. Intencionalmente ou não, o Revolution ligou-se à comunidade através da sua participação num dos eventos culturais que se tornou um dos mais profundos objectos de culto dos imigrantes portugueses: o regresso ao país de origem. O facto de o quererem fazer disputando um jogo que está tão profundamente implantado na estrutura da vida social portuguesa torna o fenómeno ainda mais interessante do ponto de vista dos processos de identidade transnacional adaptativa, considerando que o agente para a sua expressão e materialização neste caso é uma empresa com interesses capitalistas que pode servir as populações lusófonas, mas que não é controlada, organizada ou composta por elas.

Outro aspecto único deste fenómeno social é a forma como a imprensa local da Nova Inglaterra, tanto na cobertura das sessões de treino como de outras actividades relacionadas com o *soccer*, também participa e contribui para o contexto social transnacional. São raros os artigos que se concentram nas comunidades lusófonas nos maiores jornais da Nova Inglaterra, incluindo o *The Boston Globe* e o *The Providence Journal* (à parte, obviamente, a secção de viagens e, infelizmente, as notícias de crimes). Frank Dell’Apa, do *Boston Globe*, é uma excepção notável, uma vez que os seus escritos sobre os Revs e sobre o *soccer* em geral têm incluído peças sobre o *soccer* português, açoriano e luso-americano, incluindo artigos que contam histórias sobre jogadores portugueses e sobre o papel histórico da comunidade no desenvolvimento do jogo nos EUA. Também já viajou com a equipa escrevendo sobre ela nos campos de treino lusófonos. Na deslocação do Revolution aos Açores, as peças de Dell’Apa podem ser incluídas com artigos semelhantes que aparecem na imprensa da imigração portuguesa, contribuindo para a construção açoriana da identidade transnacional. Dell’Apa chegou mesmo a chamar a atenção para o facto de os açorianos se definirem como separados de Portugal, embora fazendo parte da nação, num artigo bem informado que escreveu sobre Pauleta (2004). Escreveu também sobre outras equipas de futebol das ilhas, a maioria das quais seria conhecida de quase toda a gente dos Açores, mas desconhecida nos EUA fora da comunidade imigrante. Outros jornalistas desportivos não lusófonos têm igualmente coberto as visitas do Benfica, do Sporting e de outros jogos internacionais nos EUA, aproveitando a oportunidade para também escreverem sobre outras facetas das comunidades lusófonas²⁴.

²⁴ Para uma visita do Benfica, vários repórteres ilustraram a importância do *soccer* para os portugueses recordando a (provavelmente apócrifa) história da ida de Eusébio ao seu restaurante favorito, a Adega Tia Matilde, com um grupo de pessoas para jantar, coincidentemente ao mesmo tempo que o presidente português, Mário Soares, pretendendo ambos a única sala de jantar privada disponível. Os repórteres ficaram encantados com o facto de ser Eusébio, e não o presidente, quem ficou com a sala privada.

Neste processo, as decisões comerciais do Revolution accionam uma cadeia de eventos que põem a imprensa regional a cobrir histórias sobre as comunidades imigrantes, o que de outra forma raramente aconteceria.

INTERESSES CAPITALISTAS E IDENTIDADES TRANSNACIONAIS

As ligações adaptativas entre as comunidades imigrantes que vivem na diáspora são uma ocorrência quotidiana. Nas comunidades de língua portuguesa tal existe de tantas formas que é impossível catalogá-las. As ligações que são criadas entre o país de origem e as comunidades imigrantes podem nem sempre ser explicitamente articuladas, mas, sob uma perspectiva analítica, não deixam de ser expressas²⁵.

Entre o Revolution e os seus fãs lusófonos existe uma relação de intercâmbio capitalista de mútua dependência. No processo, os Revs são responsáveis pela criação de ligações afectivas entre o grupo transnacional, ao mesmo tempo que ganham dinheiro participando no meio cultural do contexto transnacional dos imigrantes. Ao desenvolverem a sua actividade neste contexto de uma forma que irá contribuir para o resultado financeiro final da equipa (quer isso inclua um *marketing* conscientemente dirigido às populações lusófonas, quer não), os objectivos do Revolution são decididamente diferentes dos das organizações comunitárias lusófonas (como as sociedades Espírito Santo, comités que organizam as celebrações do Dia de Portugal, ou o governo açoriano) que servem as comunidades. De forma idêntica, os objectivos dos Revs também são diferentes dos objectivos dos organizadores lusófonos com quem trabalham para patrocinar as visitas das equipas portuguesas. Independentemente do resultado pretendido, contudo, as actividades da equipa não deixam de assentar em expressões transnacionalmente referenciadas e localmente articuladas de pertença ao grupo que são adaptativas para auxiliarem os imigrantes a integrarem-se e a adquirirem poderes na sociedade de acolhimento — mesmo que sirvam também os objectivos da equipa.

No jogo entre a selecção de Cabo Verde e o Marítimo em Foxborough, por exemplo, o jogo foi disputado para angariação de fundos e como tributo

²⁵ As referências à identidade transnacional também são feitas conscientemente. Alzira Silva, por exemplo, directora regional das Comunidades, definiu certa vez os açorianos da seguinte forma: «Os Açores não terminam dentro das fronteiras da região autónoma, muito menos dentro das fronteiras da nação portuguesa. Também parte dos Açores são os espaços em que milhões de açorianos se instalaram, longe da sua pátria, onde mantêm sempre uma parte dela num canto dos seus corações» (trad. do inglês) (Silva, 2002). Com uma população residente superior a 240 000 pessoas, o número «milhões» não inclui, obviamente, apenas os nascidos nos Açores, mas refere-se também aos nascidos no estrangeiro de origem açoriana.

a um herói da comunidade cabo-verdiana, Jorge Fidalgo (a quem Jaír chamou amigo pessoal), assassinado num assalto. O dinheiro angariado foi para apoiar as ligas de *soccer* nas cidades proeminentemente lusófonas de Brockton, New Bedford, Boston, Pawtucket e Providence. O jogo entre as duas equipas lusófonas foi, portanto, integrado num complexo conjunto de processos adaptativos de ordem social, económica e cultural que se realizaram e que podem ser analisados no contexto transnacional, mesmo que a principal instituição patrocinadora estivesse discursivamente localizada fora desse contexto. Embora o Revolution (uma vez que controla a produção) tenha aquilo a que se pode chamar uma relação antagónica com as comunidades lusófonas (como consumidores), a equipa e as comunidades partilham ambas um interesse capitalista na expressão continuada de laços transnacionais com os pontos de origem lusófonos.

As actividades do Revolution, visando a promoção dos seus próprios interesses capitalistas (como empresas dentro do grupo que atraem os gostos culturais étnicos), resultam no reforço de pertença local ao grupo, conferindo ao processo de adaptação dentro do campo social transnacional uma maior importância e tornando-o mais eficaz do que seria de outro modo. O reforço destas identidades transnacionais é, obviamente, um efeito secundário e não o objectivo real da actividade comercial da equipa. Independentemente disso, existe um processo circular no qual a ligação das populações lusófonas ao país de origem é apoiada pelas actividades de uma empresa não lusófona; e essa ligação, por sua vez, contribui para o lucro da empresa.

Estas decisões comerciais promovem a utilização do quadro transnacional como um campo de acção social entre os migrantes na sua ligação ao país de origem e entre os descendentes lusófonos nascidos na América que são capazes de se ligar através do *soccer* a um aspecto cultural na sua América nativa, um aspecto que é complementar às práticas culturais dos seus pais.

Uma análise deste fenómeno tem importância para o tratamento antropológico da migração transnacional numa série de áreas. Em primeiro lugar, demonstra uma forma específica pela qual as escolhas capitalistas de consumo podem ser um agente da manutenção de identidades culturais adaptativas e de que forma as trocas capitalistas podem favorecer a articulação dessas identidades — de uma forma que está divorciada das intenções e dos fins dos agentes de produção. Aqueles que produzem bens e serviços para um grupo étnico transnacional, mesmo que se encontrem fora desse grupo, fazem uma contribuição de vulto para os processos identitários, uma vez que são adaptativamente utilizados pelos participantes. Em vez de expressar e reforçar a ligação transnacional, controlando a replicação de formas culturais dentro da sua própria comunidade, o processo através do qual a identidade transnacional adaptativa é aqui utilizada demonstra uma operação mais complexa. O exemplo etnográfico elucidada os aspectos fictícios da construção da

diáspora, que projectaria a relação entre o país de origem e a comunidade imigrante como exclusiva, apontando para a multiplicidade de ligações sobrepostas ao país de origem, à comunidade imigrante e também às instituições encontradas na comunidade de acolhimento. Certamente é óbvio (embora nem sempre explicitamente declarado em análises de construção da identidade transnacional) que os imigrantes têm uma relação com as instituições nas suas comunidades de acolhimento que está fora dos contextos transnacionais. Mas os imigrantes também têm uma relação com as instituições nas suas comunidades de acolhimento, controlada por aqueles que estão fora da categoria de identidade transnacional, que (1) incentiva a utilidade da acção social no campo transnacional e (2) tem os seus próprios interesses, que são servidos pela acção social no campo transnacional dos imigrantes.

Foi certamente o resultado do discurso e de práticas culturais preexistentes entre o grupo de imigrantes que levou à participação do Revolution. É significativo, contudo, para as análises da forma como os campos sociais migrantes transnacionais operam que uma das principais instituições participantes na manutenção da identidade transnacional lusófona seja uma empresa não lusófona.

Inversamente, o *marketing* do *soccer* junto dos imigrantes também demonstra o efeito que a construção da identidade transnacional pode ter nas próprias comunidades de acolhimento. A presença do grupo de imigrantes lusófonos no Sudeste da Nova Inglaterra teve influência na forma como uma grande entidade empresarial não portuguesa desenvolve a sua actividade na região. E, embora o Revolution não esteja incluído no discurso de pertença transnacional ao grupo, não deixa de ser, a nível da operação, uma parte dela.

O contexto identitário transnacional conferiu às análises antropológicas uma linguagem teórica necessária para compreender a imigração sem posicionar os processos sociais adaptativos entre um grupo de imigrantes num local fixo e elucidando que existem campos sociais de imigrantes fora dos territórios nacionais. É útil, enquanto esse vocabulário se desenvolve, que o campo identitário transnacional não seja entendido simplesmente em relação a um grupo étnico de definição rígida, independentemente do seu grau de construção. A utilidade dos laços criados através da identidade transnacional como um processo adaptativo assenta na forma como proporciona a cada interveniente social um modo de acesso a múltiplos locais de poder à medida que são construídos e que existem tanto no país de origem como na comunidade imigrante. Tal como evidenciado pelo exemplo etnográfico apresentado, outro centro de poder implantado nas identidades transnacionais é a relação entre os imigrantes e as instituições de poder na comunidade de acolhimento. A natureza simbiótica da relação é igualmente notável. Em vez de um grupo de imigrantes em luta como fariam os trabalhadores contra uma

empresa por salários mais elevados (como aconteceu muitas vezes com os trabalhadores lusófonos nas fábricas da Nova Inglaterra), neste caso a empresa não lusófona contribui de formas mais simbióticas e positivas para um campo social necessário para a adaptação dos imigrantes à sua comunidade de acolhimento. Embora possam estar estruturalmente implantadas no contexto transnacional, são, contudo, as escolhas puras dos consumidores que movem essas práticas comerciais.

As análises destes tipos de interações abrem vias para a compreensão da natureza adaptativa da construção das identidades transnacionais e contribuem para um melhor entendimento da forma como essas identidades servem os intervenientes sociais de uma maneira processual e não essencializada.

BIBLIOGRAFIA

- BARTH, F. (ed.) (1969), *Ethnic Groups and Boundaries*, Boston, Little, Brown and Co.
- BIANCO, B. (1992), «Multiple layers of time and space», in N. Glick-Schiller *et al.*, *op cit.*, pp. 145-174.
- CHAPIN, F. W. (1992), «Channels for change», in *Human Organization*, vol. 51, 1, pp. 44-52.
- COHEN, A. (1969), *Custom and Politics in Urban Africa*, Berkeley, University of California Press.
- COHEN, R. (1997), *Global Diasporas: an Introduction*, Seattle WA, University of Washington Press.
- COLSON, E. (1967), «Contemporary tribes and the development of nationalism», in *Essays on the Problem of Tribe*, Seattle, University of Washington Press.
- DELL'APA, F. (1995), «FIFA in MLS corner», in *Boston Globe*, Março, 26, 69.
- DELL'APA, F. (2004), «Islands in the soccer stream», in *Boston Globe*, Março, 17, F8.
- ELLER, J., e COUGLAN, R. (1993), «The poverty of primordialism», in *Ethnic and Racial Studies*, vol. 16, pp. 183-202.
- GEORGES, E. (1992), «Gender, class, and migration in the Dominican Republic», in N. Glick-Schiller *et al.*, *op cit.*
- GLICK-SCHILLER, N., BASCH, L., e SZANTON-BLANC, C. (eds.) (1992), *Towards a Transnational Perspective on Migration*, Nova Iorque, Annals of the New York Academy of Sciences.
- GLUCKMAN, M. (1958), *Analysis of a Social Situation in Modern Zululand*, Manchester, Rhodes-Livingstone Institute.
- GONZALES, N. L. (1992), *Dollar, Dove and Eagle*, Ann Arbor, University of Michigan Press.
- HARDER, R. J. (1989), *Between Two Worlds: a Case Study of Capitalism and Migration in the Central Azores*, tese de doutoramento, Universidade da Florida.
- HICKS, G. (1977), «Introduction», in G. Hicks *et al.* (eds.), *Ethnic Encounters: Identities and Context*, North Scituate, Massachusetts, Duxbury Press.
- KLIMT, A., e LUBKEMANN, S. (2002), «Argument across the Portuguese-speaking world», in A. Klimt *et al.*, *op cit.*, pp. 145-162.
- KLIMT, A., e LUBKEMANN, S. (eds.) (2002), «Special issue on Portugueseness, migrancy and diasporicity», in *Diaspora*, vol. 11, 2.
- LACERDA, E. P. (2003), *O Atlântico Açoriano*, tese de doutoramento, Universidade Federal de Santa Catarina.
- LEAL, J. (2002), «Identities and imagined homelands», in A. Klimt *et al.*, *op. cit.*, pp. 233-254.

- LESSINGER, J. (1992), «Investing or going home? A transnational strategy among Indian immigrants in the United States», in N. Glick-Schiller *et al.*, *op cit.*, pp. 53-80.
- LUBKEMANN, S. (2000), *Situating Wartime Migration in Central Mozambique*, tese de doutoramento, Brown University.
- LUBKEMANN, S. (2002), «The moral economy of Portuguese postcolonial return», in A. Klimt *et al.*, *op cit.*, pp. 189-214.
- MANKEKAR, P. (2002), «'India Shopping': Indian grocery stores and transnational configurations of belonging», in *Ethnos*, vol. 67, 1, pp. 75-98.
- MITCHELL, C. (1956), *The Kalela Dance*, Rhodes Livingston papers 27.
- MOERMAN, M. (1965), «Who are the Lue? Ethnic identification in a complex civilization», in *American Anthropologist*, vol. 67, 5, pp. 1215-1230.
- MONIZ, M. (2004), *Exiled Home: Criminal Deportee Forced Return Migrants and Transnational Identity, the Azorean Example*, tese de doutoramento, Brown University.
- NOIVO, E. (2002), «Towards a cartography of Portugueseness», in A. Klimt *et al.*, *op cit.*, pp. 255-276.
- ONG, A. (1992), «Limits to cultural accumulation», in N. Glick-Schiller *et al.*, *op cit.*, pp. 125-144.
- PORTES, A. (1996) *The New Second generation*, Nova Iorque, Russell Sage.
- PORTES, A., e RUMBAUT, R. (2001), *Legacies: the Story of the Immigrant Second Generation*, Nova Iorque, Russell Sage.
- RICHMAN, K., (1992), «A *Lavalas* at home/a *Lavalas* for home», in N. Glick-Schiller *et al.*, *op cit.*, pp. 189-200.
- SAFRAN, W. (1997), «Diasporas in modern societies», in *Diaspora*, vol. 1, pp. 82-99.
- SARKISSIAN, M. (2002), «TK», in A. Klimt *et al.*, *op cit.*
- SEIBER, T. (2002), «Composing lusophonia», in A. Klimt *et al.*, *op cit.*, pp. 163-88.
- SILVA, A. (2002), *Anuário de Ouro*, Ponta Delgada, Açorplus.
- TÖLÖLYAN, K. (1996), «Rethinking diasporas», in *Diaspora*, vol. 5, pp. 3-36.
- VERTOVEC S. (1997), «Three meanings of 'diaspora', exemplified among South Asian religions», in *Diaspora*, vol. 6, pp. 277-299.